

GRIMMELSHAUSEN –
UM TRATADISTA POLÍTICO POR TRÁS DO ROMANCISTA?

Maria do Carmo Malheiros*

Abstract: The purpose of this paper is to present to the Brazilian reader some aspects of the most important German prose text from the 17th century, the novel *Simplicissimus Teutsch* (1668), and its author, Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen (1621/2-1676). In addition, it treats Grimmelshausen's possible contacts with the political theories of his time.

Keywords: Grimmelshausen; *Simplicissimus Teutsch*; Baroque; Political theories.

Zusammenfassung: Die Absicht dieses Aufsatzes besteht darin, dem brasilianischen Leser einige Aspekte des wichtigsten deutschen Prosatextes des 17. Jahrhunderts, des Romans *Simplicissimus Teutsch* (1668), und seines Autors Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen (1621/2-1676), vorzustellen. Ausserdem behandelt er die möglichen Kontakte Grimmelshausens zu den politischen Theorien seiner Zeit.

Stichwörter: Grimmelshausen; *Simplicissimus Teutsch*; Barock; Politische Theorien.

Palavras-chave: Grimmelshausen; *Simplicissimus Teutsch*; Barroco; Teorias políticas.

“Also wurde ich bey Zeiten gewahr
dass nichts beständigers in der Welt ist
als die Unbeständigkeiten selbst.”¹

Simplicissimus, Livro III, Cap. 8

* A autora é pós-graduanda em Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP. Endereço: Rua Prof. Artur Ramos 350, ap. 2601-E, CEP: 01454-010, São Paulo. E-mail: mcmalh@usp.br

¹ Assim, percebi com o tempo que nada no mundo é mais constante do que a própria inconstância.

0. Introdução

Um trabalho sobre o *Der abentheuerliche Simplicissimus Teutsch* (1668) de H. J. C. von Grimmelshausen (1621 ou 1622-1676), “o romance mais importante do Barroco alemão”, um “best-seller” já em suas primeiras edições, entre tantas outras definições grandiosas, é para mim o resultado de um antigo interesse pelo século XVII e suas características ao mesmo tempo ainda medievais e já modernas, pelo Barroco e especialmente pela figura do Simplicissimus e seu autor. O *Simplicissimus* firmou sua importância já no séc. XVII e, até hoje, tem seu lugar como o texto em prosa mais importante deste período. Entretanto, enquanto obra da chamada “literatura universal”, e aqui eu poderia arrolar os vários superlativos que a destacam em Histórias da Literatura e livros de crítica literária, este romance e seu autor são bem pouco conhecidos no Brasil. Mas eles não são exceção: em geral, as obras líricas e dramáticas do barroco alemão também são pouco conhecidas aqui.

Assim, gostaria de apresentar alguns aspectos, que são parte de uma pesquisa sobre este romance: um pouco sobre a história de sua recepção, um pouco sobre a discussão sobre o seu gênero e um pouco sobre a relação do pensamento de Grimmelshausen-romancista com o pensamento político de seu tempo – este, como tema principal de meu trabalho.

1. Razão do sucesso

Este romance – cujo título serviu de inspiração para uma das revistas mais importantes na Alemanha do início do século até o fim da República de Weimar, a *Simplicissimus* – foi publicado em 1668 (apesar de apresentar o ano de 1669 na página de rosto, forma usual na época de dar maior atualidade à publicação) em cinco partes ou livros e, desde então, teve grande êxito. Já no ano seguinte, aparece uma nova edição com o sexto livro, a “Continuatio des abentheuerlichen Simplicissimi oder

Der Schluss desselben” [Continuação do aventureiro Simplicissimus ou o final do mesmo]. No entanto, paralelamente, foram publicadas outras quatro edições, algumas piratas e às vezes modificadas, até a morte do autor em 1676, edições estas que ainda hoje provocam discussões sobre a sua autenticidade.

É fácil entender a razão deste sucesso nas suas mais de 600 páginas (nas edições atuais). Nelas, Grimmelshausen nos apresenta a fascinante, triste, comovente, divertida e deliciosa história de Simplicius Simplicissimus – o simplório –, narrada por ele mesmo, e que aos dez anos de idade, na mais absoluta ignorância do mundo que ia além de seu casebre na roça, seus pais, irmã e criada, é jogado cruelmente na realidade do mundo e da guerra.

Apenas para situar, a chamada Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) foi provavelmente a maior devastação que a Alemanha sofreu em sua história: a população reduziu-se de 15-17 milhões a 10-11 milhões de habitantes; cidades, aldeias e campos cultivados foram completamente destruídos. Durante muito tempo considerada uma guerra religiosa entre protestantes e católicos, a Guerra dos Trinta Anos foi na verdade uma disputa entre as maiores potências da Europa para ver qual delas poderia dominá-la. Com o desenvolvimento dos interesses e estratégias, finalmente definiram-se os inimigos em luta: de um lado, Áustria e Espanha, de outro, França e Suécia e o campo de batalha, o território alemão. Mais devastadores do que os próprios exércitos foram, talvez, os grupos de saqueadores que se espalharam por todos os lugares e pilhavam, assassinavam e destruíam aquilo que não pudessem levar.

É pelo assalto de um destes grupos que Simplicissimus, mesmo sem entender o que se passava, tem que fugir do que restou de sua casa e se refugiar na floresta. Lá, um eremita o acolhe e durante dois anos lhe ensina toda a doutrina cristã. Com a morte do eremita (que, muito depois, descobre-se ser o verdadeiro pai de Simplicissimus), o nosso jovem herói parte para a cidade de Hanau – controlada pelas tropas suecas – e, se até agora ele havia aprendido tudo o que era necessário para uma

vida piedosa e espiritual, aí ele aprenderá rapidamente as vantagens e desvantagens da vida mundana. O comandante sueco lhe dá o lugar de pagem, mas por dizer o que pensa sem dissimulações e julgar tudo o que vê pela rígida moral cristã, na qual havia sido educado, Simplicissimus é transformado em bobo-da-corte, e este “traje” não o abandonará tão cedo.

Depois de muitas confusões e aventuras – sempre narradas no surpreendente tom das verdades não dissimuladas – Simplicissimus conhece Ulrich Herzbruder, que será seu grande amigo, e em seguida vive um período de glória como o temido e admirado “Jäger von Soest” [caçador de Soest] até ser preso pelas tropas suecas, na cidade de Lippstadt, e ser obrigado a se casar. Ao ir para Colônia, onde havia deixado o tesouro que juntou como “Jäger von Soest”, ele descobre que seu banqueiro falhou. Novamente pobre e desamparado, resolve seguir dois jovens nobres que vão estudar em Paris, onde fica famoso como tocador de alaúde e entra para a corte do Louvre com o apelido de “Beau Alman”.

Na volta à Alemanha, Simplicissimus presencia a morte do ladrão e malandro Olivier, seu antigo conhecido e espécie de contraponto da personagem principal. Com Herzbruder, faz uma viagem de peregrinação que termina em Viena; mas o amigo adoece e Simplicissimus procura salvá-lo com um tratamento na Floresta Negra, porém sem sucesso. Sem o amigo, ele ainda fica sabendo da morte da mulher. Depois de outro casamento infeliz, com uma camponesa prostituta, ele reencontra seus pais de criação e descobre sua origem nobre.

Em uma viagem a Moscou, Simplicissimus cai novamente na miséria, passa pela Coréia, Japão, Macao, Constantinopla, onde é feito escravo de galera e, libertado por um navio veneziano, peregrina até Roma. Novamente na Floresta Negra, e após o término da Guerra, ele se estabelece em sua propriedade. Junto aos seus livros e longe da inconstância e da futilidade do mundo, pretende terminar sua vida como eremita.

No entanto, visões atormentadoras sobre o mundo cheio de vícios o fazem empreender ainda mais uma viagem de peregrinação ao Egito.

Para salvar-se do navio que afunda, Simplicissimus se abriga em uma ilha solitária e lá retoma, em paz finalmente, sua vida de ermitão. A última notícia a seu respeito é dada por um capitão holandês que recebeu dele um precioso livro de folhas de palmeiras, com a história de sua vida. Assim termina a sexta e última parte do romance.

2. O autor ...

Durante muito tempo, o *Simplicissimus Teutsch* foi interpretado como um romance autobiográfico. As várias lacunas na documentação e nas informações sobre a vida de Grimmelshausen eram preenchidas com dados do romance, pois em um ou outro elemento, havia coincidência de dados. Hoje, esta visão já não se defende mais, mas pouco ainda se sabe sobre sua vida, especialmente sobre sua infância e juventude: nascido em 1621 ou 1622, Grimmelshausen era filho de uma família da baixa nobreza com atividades comerciais, supõe-se que ele tenha estudado em uma “Lateinschule” [ginásio] protestante em Gelnhausen, sua cidade natal. Mas seu estudo não deve ter durado muito, pois em 1634 a cidade foi quase totalmente destruída em uma batalha. Entre 1637-38, Grimmelshausen serviu às tropas do imperador e, mais tarde, passou de soldado a escrivão da chancelaria do regimento. Após terminar a guerra, ele se converte ao catolicismo e casa-se com a filha de um importante cidadão de Offenburg, o que significa, para Grimmelshausen, uma elevação social.

De 1649 a 1660, ele trabalha como feitor de seu antigo comandante, na cidade de Gaisbach e, de 1662 a 1665, tem uma função semelhante em Ullenburg. Além disso, até 1667, cuida de sua taberna em Gaisbach, quando então é nomeado alcaide de Renchen. A maior parte da publicação de sua obra foi feita neste último período. Pouco antes de morrer, em 1676, ele se alista novamente no serviço do exército.

Apesar de não ter tido uma formação humanista como outros autores do séc. XVII, Grimmelshausen é exemplo da difícil condição de

escritor na época: escreve nas horas vagas e sobrevive com empregos, em geral, públicos. A partir do seu caso, pode-se refletir sobre as categorias sociais do território alemão neste período. A sociedade de então é fruto de um longo processo histórico e apresentava-se bastante rígida: teoricamente cada um tem seu lugar. Do Imperador ao camponês, as diferenças sociais têm sua razão de ser e sua função perante Deus, conforme justifica Lutero (apud MEID 1984: 30). No entanto, certos artifícios permitiam a mudança de status social, como o nosso autor é exemplo: pelo casamento ou pela educação formal era possível ascender-se socialmente.

3. ... e seus leitores

Considerado um best-seller desde sua primeira edição, vale a pena perguntar quem teria sido o público leitor do ST. Um olhar rápido pela situação social e cultural alemãs de meados do séc. XVII é a chave para a resposta. Estima-se que, do começo ao final deste século, livreiros e editores contassem com um público de 50 a 80 mil pessoas. Destes, a grande maioria lia latim e só uma pequena parte se voltava para a literatura alemã da época. Nestes termos, a formação escolar, quando não a universitária, era o fator de diferenciação. Assim, artesãos e camponeses certamente não teriam acesso ao livro, pois, mesmo se soubessem ler, ele seria muito caro (com o valor médio de um livro era possível comprar, por exemplo, 130 kg de carne); mas “a burguesia acadêmica, altos funcionários, distintos comerciantes e alguns artesãos ricos, assim como nobres com interesse literário e formação humanista” (GEBAUER 1977: 361 ss.), estes sim teriam podido comprá-lo. Dessa forma, é bom lembrar que, em sua época, o *Simplicissimus* foi um “*Volksbuch*” [livro popular], conforme uma de suas antigas e persistentes classificações, mas de “segunda mão”, pois o grupo formado por camponeses e artesãos teve conhecimento dele por via indireta, por possíveis leituras em voz alta, ou narração de terceiros ou, ainda, pregações que podiam citar seus “úteis” ensinamentos, conforme prevê o seu título:

“Der abentheurliche Simplicissimus Teutsch / Das ist: Die Beschreibung
dess Lebens eines seltzamen Vaganten / genant Melchior Sternfels von
Fuchshaim / wo und welcher gestalt Er nemlich in diese Welt kommen
/ was er darinn gesehen / gelernt / erfahren und aussgestanden / auch
warumb er solche wieder freywillig quittirt.

Überauss lustig / und männiglich nutzlich zu lesen.”

[O aventureiro Simplicissimus Teutsch / isto é: a descrição da vida de
um vagante singular / chamado Melchior Sternfels von Fuchshaim /
isto é, onde e de que maneira ele veio a este mundo / o que ele viu lá /
aprendeu / experimentou / aturou / também por que ele o deixou voluntariamente.

Extremamente divertido / e a todos útil de ler.]

(GRIMMELSHAUSEN 1989: 11)

O que, de qualquer forma, era de domínio comum para o leitor/ouvinte da época, não o é mais absolutamente para nós, leitores do séc. XX. E esta diferença ganha um aspecto curioso, se se tem em mente a complexidade de interpretações que o livro provoca (como será visto adiante), desde a sua “redescoberta” no séc. XVIII – a partir do plano de L. Tieck de reeditar o romance –, em oposição a outra antiga classificação, a do autor do *Simplicissimus* como “Dorfdichter” [poeta de aldeia] e de seu livro como “primitivo” e “rude”. O resultado é uma figura bastante contraditória: um autor engenhoso, ou que apenas representa o seu mundo pouco civilizado? O próprio livro de registros da Igreja de Renchen, onde Grimmelhausen morreu em 1676, dá por esta ocasião a melhor pista a ser seguida: o falecido era um narrador “*magno ingenio et eruditione*” (TRIEFENBACH 1979: 9). Esta idéia de caracterizá-lo como “poeta de aldeia” é ainda resultado das polêmicas que circundam os estudos sobre Grimmelhausen, sua biografia, muito pouco documentada e cheia de lacunas, como visto acima. A crença persistente de que o *Simplicissimus* era autobiográfico, e de que Grimmelhausen não teria tido praticamente nenhuma educação formal, mas aprendido com a vida e a guerra, que o viu nascer e crescer e que devastou a Alemanha..., acompanha várias interpretações da obra até 30 ou 40 anos atrás. É ver-

dade, porém, que sua formação não se compara à dos poetas e dramaturgos eruditos da época, como é o caso de Andreas Gryphius (1616-1664), por exemplo, que de 1644 a 46 fez uma “Bildungsreise” pela França e Itália, apesar de também sofrer as limitações da guerra (cf. HAAS 1975), enquanto Grimmelshausen realmente teve sua vida determinada pela guerra, seja como prisioneiro (a partir de 1635), ou servindo no exército até praticamente o seu fim; mas que ele adquiriu uma grande erudição sozinho, já não se tem mais dúvidas. Assim atestam os elementos astrológicos, alquímicos, alegóricos, emblemáticos, exegéticos que constroem o romance, somando-se a eles as alusões bíblicas, mitológicas e históricas, além de citações propriamente da Bíblia e de obras contemporâneas: descobertas feitas há relativamente pouco tempo e que, então, permitiram linhas bem definidas na pesquisa e na interpretação da obra de Grimmelshausen.

4. A questão do gênero

Se já não se crê mais que o *Simplicissimus* seja autobiográfico, a definição do seu gênero literário, porém, ainda hoje, é uma questão interessante. A principal polêmica disse respeito à conceituação do romance como *Bildungsroman* [romance de formação]. Graças ao ensaio de Friedrich Gundolf (“Grimmelshausen und der Simplicissimus”, 1923), escrito de forma exemplar nas linhas da *Lebensphilosophie* [filosofia da vida] de Dilthey, o romance ganha o lugar de elo entre o *Parzival* e o *Wilhelm Meister* e tem em si quase que a função redentora de atestar a existência de uma cultura alemã difundida na vida social caótica do séc. XVII, fruto de uma nação sem unidade – e não apenas presa aos eruditos, já que na época em que este artigo foi escrito, Grimmelshausen era considerado um “poeta do povo”: o romance é exemplar porque narra poeticamente as “vivências” de seu autor, mas diferindo muito do gênero autobiográfico. Este resumo grosseiro, que faço do artigo, visa apenas dar notícia da enorme influência desta interpretação.

Mas o herói *Simplicissimus* não se enquadra perfeitamente na concepção do herói do romance de formação: aquele não tem uma individualidade uniforme, não é uma figura fechada, como exige este. Os episódios da vida narrada vão se somando uns aos outros, de acordo com o mundo aberto e múltiplo que retrata. Entre as várias idas e vindas de *Simplicissimus*, a seqüência de erros e acertos, atos heróicos e criminosos, sorte e azar, o que lhe cai melhor é a definição de pícaro. Ainda assim, o *Simplicissimus* não se limita apenas ao gênero picaresco. O motivo do isolamento final, típico de muitos romances picarescos e com o qual Grimmelshausen termina o quinto livro da primeira edição, não é tão definitivo: a *Continuatio* (o sexto livro), acrescentada na edição seguinte, comprova um narrador preocupado em dar conta das experiências deste mundo aberto e múltiplo.

A questão do gênero, porém, não se limita à oposição, ou complementação como querem alguns estudiosos, romance de formação/romance pícaro. Conceitos como sátira, cômico, grotesco, por um lado e, ainda, *Entwicklungsroman* (romance de evolução, partindo da autobiografia, como as *Confissões* de Santo Agostinho), *Erbauungsroman* (romance edificante, como o *The Pilgrim's Progress*, 1678-1684 de John Bunyan) são essenciais para uma compreensão do *Simplicissimus* e da obra geral de Grimmelshausen: não há dúvidas de que a reflexão sobre os gêneros ainda é pertinente no caso do *Simplicissimus*, mesmo que não seja possível limitá-lo a uma única classificação.

5. A questão político-teológica

“Ich will einmal die Welt straffen [...]”

[Quero, um dia, punir o mundo]

Simplicissimus, Livro III, Cap. 3

Exemplificando um aspecto desta questão dos gêneros e classificação – e, assim, introduzindo aqui a questão da argumentação teológica

co-política em Grimmelshausen – um livro que encontrei por acaso na Biblioteca do Instituto Goethe-São Paulo – o *Lesebuch zur deutschen Geschichte* – diz, em sua orelha:

“Zwei der erschütterndsten Antikriegstexte finden sich unter den Dokumenten über den Dreissigjährigen Krieg: Grimmelshausens literarische Anklage ‘Kriegsgreuel’ und der Rechenschaftsbericht des Juristen und Humanisten Samuel von Pufendorf [...]” [Dois dos mais comoventes textos antibélicos encontram-se entre os documentos sobre a Guerra dos Trinta Anos: a queixa literária de Grimmelshausen, ‘Horrores da guerra’ e o relatório do jurista e humanista Samuel von Pufendorf [...]].

E na apresentação da transcrição de Grimmelshausen:

“In dem stark mundartlich gefärbten Roman ‘Der abentheurliche Simplicissimus teutsch’ (erschienen 1668 in Nürnberg) schildert Johann Christoffel von Grimmelshausen die Erlebnisse des jungen Simplizius (= der Einfältige) in den Wirren des Dreissigjährigen Krieges von etwa 1632 bis 1645. Dieser ersten realistischen Darstellung der modernen Zeit- und Sittengeschichte ist der folgende Ausschnitt entnommen [...]” [No romance fortemente tingido de caráter dialetal ‘O aventureiro Simplicissimus teutsch’ (publicado em 1668 em Nürnberg) descreve Johann Christoffel von Grimmelshausen as vivências do jovem Simplizius (= o simplório) nas desordens da Guerra dos Trinta Anos de mais ou menos 1632 a 1645. Desta primeira representação realística da história contemporânea e da história dos costumes, retirou-se o seguinte recorte [...]].(POLLMANN 1984: 121).

Segue-se, então, um famoso trecho do Cap. 4, do Livro I: “Simplicii Residenz wird erobert/ geplündert und zerstört/ darin die Krieger jämmerlich hausen” [A residência de Simplicius é tomada/ saqueada e destruída/ lá dentro os soldados acabam com tudo miseravelmente], em que Simplicius descreve o horror e a violência do ataque dos soldados à sua família e casa.

A inserção de um trecho de Grimmelshausen neste livro – que pretende ser um livro de história retratada através de documentos e textos testemunhais de época, – provoca dois pensamentos: a guerra e a sua descrição tão autêntica são notoriamente um dos pontos mais importantes do romance, ao mesmo tempo em que – como já confirmado há muito – estas descrições não foram feitas exclusivamente a partir de experiências reais do próprio autor (cf., entre outros, BREUER 1985: 79, nota 3).

Durante muito tempo, a crítica tomava Grimmelshausen como uma espécie de cronista de guerra, além de romancista. O fato de, mais recentemente, saber-se que estas descrições não são necessariamente resultado de uma “experiência vivida” pelo autor, mas também fruto de leituras etc., não apagou, no entanto, o caráter “realista” que acompanha o romance nestes 330 anos. Prova disto é um trecho do romance aparecer como “documento” no livro de história citado, publicado há 14 anos atrás, o que vem colaborar para o reconhecimento da relação complexa entre literatura e história. Mais de perto, interessa aqui um aspecto específico desta relação.

A questão do surgimento e da formação do estado absolutista nos sécs. XVI e XVII ainda merece novas e intensas pesquisas. Mais recentemente, conforme atesta a bibliografia alemã sobre o assunto, a literatura ganha um papel de destaque nesta investigação: qual foi a função da literatura na introdução e fixação do estado absolutista, neste caso, no enfraquecido Império alemão dessa época? Em que medida a literatura fomentou ou não esse estado? (É vale lembrar que esta questão continua mais que atual. Ela, é verdade, já vem sendo discutida quanto aos dramaturgos, desde o célebre livro de W. BENJAMIN, *Ursprung des deutschen Trauerspiels* [publicado no Brasil sob o título: Origem do drama barroco alemão], 1925); as circunstâncias da produção de Grimmelshausen são, no entanto, diferentes, já que ele não recebeu ajuda de regentes, para escrever sua obra. Penso aqui na presença da perspectiva político-teológica na literatura da época, mas não apenas em conteúdos ou motivos literários, mas como forma de diálogo entre o autor e seu tempo. Em

outras palavras, a tentativa é verificar como se dá a argumentação do autor em relação a estes elementos e qual sua função ou provável intenção do autor, perceptível e palpável aos olhos do leitor.

O caso Grimmelshausen é privilegiado para se estudar essas questões, e desse ponto de vista, sua obra, bastante variada, ganha um novo interesse. São várias as passagens, em seus escritos narrativos, em que ele se ocupa com o processo de legitimação do governo absolutista e com os problemas morais resultantes do confronto entre regentes e súditos. A crítica destaca especialmente, no sentido de ele se posicionar sobre acontecimentos políticos contemporâneos, dois livros do chamado “simplicianische Werk” [“obra simpliciana”]: *Der stolze Melcher*, 1672 e *Das wunderbarliche Vogelnest*, Parte II, 1675; o escrito histórico-bíblico *Joseph in Egypten*, 1666; e o romance heróico-galante *Proximus und Lympida*, 1672; além destes, Grimmelshausen foi o editor de um escrito sobre “Teutschen Politica, oder Regenten-Kunst” (*Teutscher Friedens-Raht*, 1670), e autor do tratado anti-maquivélico sobre a razão de um estado legitimado teologicamente (*Simplicianischer Zweyköpfiger Ratio Status*, 1670). Todo este material torna-se ainda mais atraente, sob o ponto de vista da argumentação político-teológica, ao se lembrar que Grimmelshausen ocupou cargos da administração militar e estatal, como secretário de regimento, administrador e juiz de pequenas causas de província. (BREUER 1976: 304-5)

Fato é que esse aspecto de sua obra tem sido pouco considerado em função do grande interesse geral pela pesquisa alegórica do séc. XVII. Excetuando um par de autores, a maior parte dos estudos interpretativos de Grimmelshausen, nas últimas décadas, especialmente do pós-guerra, baseou-se nas descobertas de fontes astrológico-alegóricas, deixando de lado o significado político que também está presente na alegoria. No entanto, é possível refletir sobre a argumentação político-teológica de Grimmelshausen além do campo alegórico e, para isso, tomar os textos que chamarei de “históricos”, textos dos sécs. XVI e XVII, que tinham como objeto a política, sua teorização e os acontecimentos contemporâneos.

Essa preocupação com o conteúdo histórico de seus escritos e, conseqüentemente com as idéias acerca de sua época, ainda menos explorada pelas pesquisas, permite reconhecer os elementos históricos que ordenam o enredo e verificar a posição do autor em relação a eles. O famoso trecho conhecido como “Jupiter-Episode” (*Simplicissimus Teutsch*, livro III, caps. 3-6), já tão comentado quanto ao aspecto utópico, ainda oferece muitas possibilidades de estudo neste sentido. Essa tem sido a direção de minhas primeiras tentativas de estudo da obra de Grimmelshausen.

Nessa passagem central do romance *Simplicissimus*, nosso herói vive uma de suas melhores fases, em sua vida tão inconstante, e é conhecido como o temido “Jäger von Soest”. Ao procurar tirar vantagens de todas as situações, enquanto monta guarda em uma estrada, encontra um visionário, que se nomeia o deus Júpiter, e com ele trava um divertido diálogo. Assim Júpiter, decepcionado com o mundo caótico que vê, apresenta um plano de estado centralizador, apoiado em um novo papel fundamental da Igreja e instaurador de uma ordem sócio-econômica. Simplicissimus duvida das propostas que ouve e provoca o deus-visionário com os argumentos que a própria realidade apresenta; mas para cada um, Júpiter tem uma solução. A partir deste trecho, então, procurei estabelecer um possível diálogo entre o autor e um dos escritos fundamentais de Lutero (“Von weltlicher Obrigkeit, wieweit man ihr Gehorsam schuldig sei” [Da autoridade secular, até que ponto deve-se ser obediente a ela] (LUTHER: 1523), texto em que ele define os limites e a necessidade da autoridade secular na vida dos verdadeiros cristãos e dos não-cristãos. Ainda não encontrei nenhuma prova de que Grimmelshausen tenha lido este texto, dentre as especulações e poucas certezas sobre suas possíveis leituras, mas há uma grande probabilidade, diante da importância do texto e da coincidência de temas. A questão que parece se colocar para Grimmelshausen é a da possibilidade de se estabelecer uma forma ordenada de vida em sociedade, cuja própria manutenção (ou “ratio status”) não entre em conflito com princípios morais, conforme ele testemunha na sociedade que acredita ser corrupta e esfacelada. Ao final da análise,

chega-se à conclusão de que a argumentação de Júpiter/Grimmelshausen fundamenta-se em um movimento contrário à secularização de seu tempo, mas vai ao encontro das aspirações nacionalistas de uma nação completamente fragmentada e arrasada pela guerra.

A passagem do “Jupiter-Episode” permite ainda retomar rapidamente a questão dos gêneros ou da classificação do romance, como querem alguns autores. No entanto, o artigo bastante respeitado de C. HESSELHAUS (1963), por exemplo, enfatiza neste trecho do livro a “Satire” [sátira] e “Selbst-Ironie” [auto-ironia] (p. 39 ss.) e, segundo o autor, mesmo os planos utópicos de Júpiter só devem ser compreendidos sob o parâmetro da sátira. Que todo este trecho seja profundamente satírico, não há dúvidas, mas creio ser bastante válido reconhecer a sátira como *parte* desta argumentação político-teológica, e não como excludente. Realçar apenas ou primordialmente o elemento satírico na obra é desmerecer a complexidade de Grimmelshausen. Da sátira faz parte, sem dúvida alguma, a crítica; mas creio que em sua argumentação, o autor vai além da crítica ao propor possíveis alternativas ao momento histórico que presencia. Como já foi afirmado, o “Jupiter-Episode” é uma passagem central do *Simplicissimus*; e, mais que isto, acredito ser ele um ponto de partida de importância inquestionável para situar o problema da argumentação político-teológica tomando a obra de Grimmelshausen como um todo.

Apesar do tema político-teológico não ser predominante no romance, cada um dos cinco livros do *Simplicissimus* (sem a “Continuatio”, acrescentada na segunda edição, em 1669) apresenta uma questão política, uma crítica ao *status quo*, uma contribuição para a reflexão sobre um estado justo e uma ordem social divina e estabelecida pelo direito natural. Resumidamente, o Livro I, cap. I, já inicia com uma crítica-escárnio à nobreza, tema que será retomado nos caps. 15 e 16 do mesmo livro, no chamado “Traum vom Ständebaum” [Sonho da árvore das camadas sociais] (*Simplicissimus* sonha que as árvores ao seu redor representam as condições sociais transformadas pela guerra: nos ramos, cavaleiros e soldados; nas raízes, oprimidos, camponeses, cortesãos e trabalhadores).

Este parece ser o ponto de partida para as reflexões seguintes sobre a ordem social e política em uma sociedade determinada pela guerra e, por isso, avessa à razão (ou melhor, avessa ao que Grimmelshausen entende por “razão”, o que precisará ser bem definido). O Livro II (cap. 11, especialmente) apresenta os “Narrendiskurse” [Discursos do bobo-da-corte], os “sermões”, eu diria, em que *Simplicissimus*, protegido pela roupa de bobo-da-corte, expõe cruamente as verdadeiras preocupações, vaidades, interesses, ambições etc. de um regente. O Livro III traz o “Jupiter-Episode”, já comentado, com uma proposta de estado saneador de todos os problemas apontados. Outras alternativas apresenta o Livro seguinte, com a vida parasitária dos “Irmãos Merode” (cap. 13) ou dos ladrões (cap. 15-17) que, deliberadamente, matam para sobreviver. Finalmente, o Livro V trata de duas outras alternativas: o chamado “Mummelsee-Episode” é exemplo de uma sociedade sem conflitos, mas também sem oportunidades para a liberdade, para a escolha moral entre o bem e o mal; e, fora da ordem estatal, o cap. 19 apresenta o exemplo da comunidade de anabatistas, cuja paz se subordina à disciplina severa do domínio religioso.

A partir do estabelecimento destes trechos fundamentais do ST, em que Grimmelshausen disserta ou apresenta metaforicamente o que acredito ser sua opinião sobre as formas de governo, sua influência devida ou indevida na esfera sócio-econômica, a “razão de Estado”, as mudanças no papel do regente, a posição da Igreja quanto ao poder secular etc., será necessário, então, primeiramente, discutir suas idéias, suas críticas e suas propostas e verificar, em que medida, ele dialoga com as teorias políticas contemporâneas, como os clássicos Maquiavel, Th. Hobbes, Th. Morus, Erasmo, Campanella, G. Bruno, Francis Bacon. Menos conhecidos, mas também importantes, são Jean Bodin (*Six livres de la République*, 1577) e Justus Lipsius (*Politica seu civilis doctrina libri sex*, 1589). Outras obras como o *Tratado Teológico-político* (1670) e o *Tratado Político* (1677) de Espinosa (1632-1677); e os escritos do Padre Francisco Suárez (1548-1617) parecem ser bastante úteis.

A partir disto, a tentativa será a de estabelecer a extensão da preocupação política de Grimmelshausen sobre seu tempo, de quais questões ele tratou, sobre quais ele se posicionou (aberta ou veladamente, lembrando da presença constante da censura na época e do fato dele exercer cargos públicos, como já visto), e, ainda, se sua posição se modificou ao longo de suas publicações. Para tanto, porém, não se pode esquecer a grande pista que ele mesmo nos dá, no frontispício da edição de 1671, a chamada “Barock-Simplicissimus” [“*Simplicissimus-barroco*”], onde se lê:

“Es hat mir so wollen behagen / mit lachen die Wahrheit zu sagen”
[Para mim, foi tão agradável / com riso dizer a verdade].

6. Razão da atualidade do romance

Em fase inicial de pesquisa, procurei apresentar neste texto os pontos que despertaram meu interesse e que espero desenvolver. Minha intenção, dessa forma, é a de apresentar o *Simplicissimus* e seu autor para o leitor brasileiro e, além disso, discutir alguns aspectos sobre o romance e, se possível, estender essa discussão a outros livros da obra de Grimmelshausen.

A leitura do *Simplicissimus* e da obra de Grimmelshausen demonstram uma atualidade desconcertante, inclusive para nós, brasileiros, tão distantes da Alemanha, quase 350 anos após sua publicação. Além disso, a história da recepção e da crítica do *Simplicissimus* acompanha elementos importantes da própria história alemã. Depois de sua redescoberta a partir dos plano de L. Tieck de reeditá-lo, ele passou a ser considerado exemplo de “Volkspoesie” [poesia popular], após a Revolução de 1848; foi tema de debate na Assembléia prussiana em 1876 (sobre sua devida recomendação como leitura de inspiração patriótica para a juventude, ou não, e suas conseqüências), e ganhou a condição de livro exemplar para o Nacional-socialismo – apenas para demonstrar algumas

das vicissitudes que acompanharam a sua recepção e compreensão. Fato é que, já a partir de 1670, as palavras “simplicissimus” e “simplicianisch” transformaram-se em conceitos difundidos em várias ocasiões. Por outro lado, o *Simplicissimus* influenciará diretamente outras obras, formando uma “Simplicidade”, ainda no séc. XVII (que antecipa o que ocorrerá com o *Robinson Crusoe* e a “Robinsonade”), como nos romances pícaros e satíricos de Johann Beers, entre outros (MEY 1984: 196-197).

Mas a importância que este romance tem na história da literatura universal corresponde, é claro, ao reconhecimento que ele merece. É o que lemos, por exemplo, em dois críticos que escreveram sobre o *Simplicissimus*, aqui no Brasil: ANATOL ROSENFELD (1993: 21): “Há exatamente trezentos anos saiu a primeira edição, depois ampliada, de um dos maiores romances da literatura alemã, o primeiro de importância universal [...]”; e O. M. CARPEAUX (1980, vol. 3: 567): “[...] Quanto ao valor literário é o *Simplicissimus* a maior obra da literatura alemã entre o *Nibelungenlied* e Goethe”. E não é para menos, pois as experiências e reflexões de *Simplicissimus* parecem ser um comentário permanente de nossa vida e de nosso mundo “constantemente inconstante”.

Referências bibliográficas

- BREUER, Dieter. “Grimmelshausens politische Argumentation. Sein Verhältnis zur absolutistischen Staatsauffassung”. In: *Daphnis. Zeitschrift für mittlere deutsche Literatur*. Bd. 5, Heft 2-4, 303-341, 1976.
- BREUER, Dieter. “Krieg und Frieden in Grimmelshausens ‘Simplicissimus Teutsch’”. *Der Deutschunterricht* 37, Heft 5, 79-101, 1985
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol. 3: “Barroco e Classicismo”. Rio de Janeiro, Alhambra, 1980.
- GEBAUER, Hans Dieter. *Grimmelshausen Bauerndarstellung: literarische und Sozialkritik und ihr Publikum*. Marburg, Elwert, 1977.

- GRIMMELSHAUSEN, H.J.C. von. *Werke in drei Bände*. Hg. Dieter Breuer. Frankfurt a.M., Deutscher Klassiker Verlag, 1989, 1992, 1997.
- GÜNDOLF, Friedrich. "Grimmelshausen und der Simplicissimus" (1923). *Interpretationen. Deutsche Romane von Grimmelshausen bis Musil*. Bd. III. Hg. Jost Schillemeit. Frankfurt am Main, Fischer, 1966.
- HAAS, Alois M. "Nachwort". In: GRYPHIUS, Andreas. *Catharina von Georgien*. Stuttgart, Reclam, 1975.
- HESELHAUS, Clemens. "Grimmelshausen. Der abentheuerliche Simplicissimus". *Der deutsche Roman. Vom Barock bis zur Gegenwart*. Bd. I. Hg. Benno von Wiese. Düsseldorf, A. Bagel, 1963.
- LUTHER, Martin. "Von weltlicher Obrigkeit, wieweit man ihr Gehorsam schuldig sei" (1523). In: LUTHER, Martin. *Ausgewählte Schriften*. Bd. 4: *Christen und weltliches Regiment*. Hg. K. Bornkamm und G. Ebeling. Frankfurt am Main, Insel Verlag, 1982.
- MEID, Volker. *Grimmelshausen: Epoche, Werk, Wirkung*. München, Beck, 1984.
- POLLMANN, Bernhard (Hg.). *Lesebuch zur deutschen Geschichte. Texte und Dokumente aus zwei Jahrtausenden*. Bd. 2 *Vom Beginn der Neuzeit bis zur Reichsgründung*. Dortmund, Chronik Verlag, 1984.
- ROSENFELD, Anatol. "Tricentenário de um grande romance: Hans Jakob Christoffel von Grimmelshausen". In: *Letras germânicas*. São Paulo/Campinas, Perspectiva/Edusp/EdUnicamp, 1993.
- TRIEFENBACH, Peter. *Der Lebenslauf des Simplicius Simplicissimus: Figur – Initiation – Satire*. Stuttgart, Klett-Cotta, 1979.

KONTINGENZ-ERFAHRUNG IN DER ROMANTIK. AUSDRUCKSBEGEHREN UND ZENSUR BEI KAROLINE VON GÜNDERRODE

Dagmar von Hoff*

Abstract: This article provides an overview of the life and work of Karoline von Günderrode (1780-1806) in the German Romantic period. Karoline von Günderrode is one of the most radical modern writers of her time as she expresses the experience of contingency, the signature of a modern age. The article also examines aspects of gendered censorship in her work, especially in her dramas. To understand the phenomenon, it is necessary to view censorship both from the outside and from within. Eighteenth-century drama and theatre were taboo fields for women. Günderrode reacted with a three-fold self-censorship: in her form of expression, in her choice to write under two pseudonyms (Tian and Ion), and in her decision to leave a number of dramas unfinished. Karoline von Günderrode committed suicide at the age of 26, and it is possible to read even her suicide as an act of censorship in the context of the experience of contingency in the Romantic Period.

Keywords: Karoline von Günderrode; Censorship; Friedrich Creuzer; German Romanticism; Contingency.

Resumo: Este artigo oferece um panorama da vida e obra de Karoline von Günderrode (1780-1806) no Romantismo alemão. Karoline von Günderrode é uma das mais modernas e radicais escritoras de seu tempo, porque ela expressa a contingência, a marca de uma era moderna. O artigo também examina aspectos de gendered censorship [censura em função do gênero] em seu trabalho, especialmente em seus dramas. Para

* Die Autorin ist wissenschaftliche Assistentin im Literaturwissenschaftlichen Seminar der Universität Hamburg. Adresse: Dr. Dagmar von Hoff, Universität Hamburg, Literaturwissenschaftliches Seminar, Von-Melle-Park 6, D-20146 Hamburg, Tel.: +49-40-4123-2724 Fax: 0049-40-4123-4785 oder +49-40-428-383-553, E-mail: <hoff@rz.uni-hamburg.de>.